FUNDAMENTOS PARA UMA CLASSIFICAÇÃO DA MATÉRIA FOLCLÓRICA

FLORIVAL SERAINE

0. INTRODUÇÃO

Costuma subestimar-se atualmente o valor das classificações científicas, que — no dizer de certo autor contemporâneo — apenas são "um aspecto secundário da ciência moderna, em que predominam a estatística experimental e as considerações matemáticas". (1)

Evidentemente, a elas podem caber restrições muito sérias, desde que sejam compreendidas sob aquela concepção, aliás, já por completo superada, de que seriam **um fim em si** mesmas, possuindo caráter rígido e fixo, em sua exclusividade formal.

Em nossa órbita de estudo, que — como se sabe — apenas se acha aberta satisfatòriamente às quantificações em determinados aspectos da realidade sôbre que incide, uma classificação descritiva deverá ser encarada como uma técnica, instrumento de trabalho, assaz útil, contanto que seja entendida através de suas relações com as demais etapas do trabalho científico e se ajuste à reconhecida dinâmica cultural, devendo, pois, considerar-se, a respeito, as influências da **variabilidade**. A natureza mesma dêste nosso empreendimento intelectual exime o autor de qualquer preocupação com matematizações; seu objetivo central deverá ser a busca de alicerces racionais para a classificação, e não esta própria, situada no plano empírico dos objetos que se tenta ordenar. Certas exemplificações e até alguns quadros discriminativos que apresentamos, em verdade, são empregados especialmente para ilustrar ou esclarecer os enunciados relativos às definições conceituais básicas; não aspiram, destarte, a ser completos ou exaustivos.

A nosso juízo, uma classificação científica bem orientada não representa tarefa despicienda, ou que não mereça o esfôrço empregado para realizá-la. Sòmente ocorre que são de árdua resolução mental alguns dos problemas lógicos que se nos antolham, quando procuramos fundamentar a sistematização e a exposição dos conhe-

cimentos, logrados através da investigação pròpriamente dita, acêrca dos entes reais, sensíveis, do domínio cultural. Para nós, ela não vale meramente como obra acabada, como resultado, mas, em sua plasticidade e mobilidade características, prestar-se-á, sobretudo, para orientar pesquisas no campo da empiria, talvez despertando novos problemas significativos e apontando o rumo à solução de outros, problemas êsses, que, em síntese, dirão respeito à **forma**, à **função** e ao **processo**, inerentes à vida da cultura. E os quais surgem durante o trabalho de cunho científico, nesse trânsito indispensável do concreto ao abstrato e do abstrato ao concreto, que constitui, decerto, a sua mais indicada diretriz metódica, representando, mesmo, importante fonte de enriquecimento no domínio intelectual a que concerne.

* * *

A matéria folclórica, que se realiza no âmbito do cultural e se deve, portanto, estudar sob o critério científico, no setor antropológico correspondente, intentamos fundamentar uma classificação, em que essas noções preliminares servem de rumos destacados para a reflexão. Antes, porém, de buscarmos elaborá-la, trataremos de caracterizar essencialmente os objetos do seu interêsse lógico, pois, julgamos sempre dever tomar em consideração aquela "solidariedade do conhecimento e da experiência", a que aludem estudiosos da razão científica. (2)

E, assim, não esqueceremos ainda de ressaltar que, embora sejam distintas as etapas do trabalho científico quanto às operações cognoscitivas usadas nos seus métodos próprios, observa-se interrelação das mesmas em momentos cruciais do aludido trabalho, a qual se comprova não só em aspectos da abordagem fenomênica, mas no plano das elaborações teóricas.

1. CARACTERIZAÇAO DOS FATOS FOLCLÓRICOS

1.1. Caracteriza-se o folclórico, essencialmente, pelo **sentido** que o homem atribui às formas naturais ou por êle criadas, o qual envolve certa referência à funcionalidade, peculiar aos fenômenos ocorrentes na órbita do cultural. Aludida manifestação simbólica, seja qual fôr a circunstância vital que a determine, em última análise, é sempre "realizada na escala coletiva" — para usar as expressões de C. Lévi-Strauss. (3) Decorre de atitudes mentais, que distinguem as objetivações com que se estruturam os fatos respectivos, nos níveis próprios da sua realidade. Trata-se aqui de modos

de conhecimento ou formas de saber, em suma, de encarar o tema segundo uma tipologia gnoseológica, em que o ponto relevante da classe é fixado no conhecimento dito **científico** e se incluem outros tipos de mentalidade culturalizada, já discernidos, aliás, sob os nomes de **pré-científico** e **paracientífico**, nas comunidades de cultura folk. Êste saber da cultura — cumpre acentuar — deve ser encarado nos aspectos **teórico** e **prático** dentro dos variados contextos a ela referentes, tomando-se aqui amplamente os têrmos **teoria** e **praxis** nas acepções respectivas de pensamento e ação.

1.1.2.O antropólogo argentino G. F. Guizzetti desenvolve as idéias expostas por D. Bidney acêrca das formas do conhecimento científico e pré-científico e de suas contínuas interrelações, ocupando-se de nôvo tipo epistêmico — o paracientífico — que substitui progressivamente ao conhecimento pré-científico como resultado da presença do conhecimento científico em tôdas as ordens da vida. Assim, observa: «...o homem do «povo» das cidades e povoados rurais conhece a existência do saber científico e teve ocasião de comprovar que sua aplicação permite lograr, no tocante ao contrôle do meio biológico e físico, êxitos impossíveis de obter mediante práticas mágicas e, portanto, adota uma atitude positiva frente ao saber e praxis científicos, oposta à posição geralmente suspicaz, quando não abertamente negativa, do homem etnológico ou folk.» (4)

1.2. Pode afirmar-se, em têrmos bastante explícitos, que a qualidade do saber caracterizador do folclórico não corresponde àquela que costuma ser "influenciada diretamente pelos círculos eruditos e instituições que se dedicam ou à renovação e conservação do patrimônio científico e artístico humano, ou à fixação de uma orientação religiosa e filosófica" — como bem se declara na "Carta do Folclore Brasileiro" (5). Não se devem esquecer, todavia, a propósito, aquêles conceitos de **grande** e **pequena tradição** e de sua interdependência funcional no estudo das comunidades de cultura **folk**, que — no dizer de R. Redfield — "podem ser consideradas duas correntes de pensamento e ação, distingüíveis, mas sempre fluindo dentro e fora uma da outra." (6)

1.3. Os fatos folclóricos definem-se pelo seu modo de transmissibilidade que, de regra, se efetua com aspectos perfeitamente distintos da que concerne aos fatos decorrentes do saber dito científico, saber racional, metódico, que se encara aqui com as suas projeções na conduta humana. Considera-se a aprendizagem do folclórico como ocorrente, no comum dos casos, não só pela oralidade, mas também pela imitação; pode ela ser, pois, tanto ideativo-verbal como perceptivo-motriz. Em suma, é encarada como um processo de difusão "não dedutivo e dogmático, mas indutivo e empírico." (7) Merecem, pois, acatadas, embora necessitem de maior precisão terminológica, as considerações, expressas em do-

cumento brasileiro, de que "o fato folclórico caracteriza-se pela sua espontaneidade e pelo seu poder de motivação sôbre os componentes da respectiva coletividade", entendendo-se assim que os membros da coletividade que o exprimem, "não são a isto levados por influência de instituições estabelecidas", e que aludido fato sendo "uma expressão da experiência peculiar da vida coletiva, é constantemente vivido e revivido pelos componentes desta, inspirando e orientando o seu comportamento." (8)

1.3.1. É mister frisar, contudo, que os fatos culturais, e entre êles os folclóricos, não concernem apenas a instituições sociais e suas formas derivadas do comportamento aprendido. Não se devem desprezar as manifestações da criatividade humana que incidem no plano da cultura, mediante que o homem "produz qualquer cousa de nôvo e individual dentro da ordem de formas e padrões que são parte da sua tradição..." — segundo observou Herskovits. (9) A pretensa aporia do caráter tradicional dos fatos folclóricos desaparece ante essas lúcidas asserções, que nos levam, pois, a examinar o tema de um ângulo mais profundo, gnoseológico e psicoantropológico. O **soi disant** "folclore nascente", em última análise, só traz alguma novidade na aparência formal do "nôvo" fato. Com efeito, a própria forma, se bem realizada culturalmente, isto é, se apresenta a necessária correlação funcional com o conteúdo essencial do fenômeno, obedecerá a padrões e moldes tradicionais. Quanto à expressão simbólica, que caracteriza primordialmente ao fato cultural, não se ignora que vem impregnada daquele **sentido** próprio e caracterizante do folclórico, o qual devemos encarar ainda em atenção às configurações e padrões internos, por que se manifestam "certas tendências psicológicas mais profundas, que dão o último significado aos elementos formais das estruturas culturais." (10)

1.4. Sabe-se que nas sociedades com tradição escrita, tidas como civilizadas, existem estratos inferiores socioculturalmente, onde predomina essa modalidade de saber, intitulado vulgar, e que nêles se estabelece ou centraliza o âmbito de realização dos fenômenos folclóricos. Entretanto, é também sabido que tais fatos são registáveis nas classes sociais elevadas e cultas dos meios urbanos civilizados; que há cientistas, intelectuais, que acolhem respeitosamente superstições circulantes nas camadas populares, bem assim, que em cidades consideradas de alto nível de progresso material e intelectual, grande número de pessoas há que se entregam a práticas mágicas ou mágico-religiosas. Por essa razão, consideramos que o estudo funcional do folclórico, com mira ao processo integrativo, só em determinadas comunidades, talvez bem poucas em nossos dias,

localizáveis geogràficamente fora dos grandes núcleos da civilização urbana, pudesse ser efetuado com êxito científico, devido não só ao dinamismo intrínseco da cultura, às interrelações continuadas entre as diferentes formas de saber acima apontadas, mas também à estruturação do próprio psiquismo humano, em que cientistas vislumbram estratos inferiores, que podem ser discernidos através de expressões culturais, peculiares mesmo ao adulto normal civilizado, em determinados contextos situacionais. (11) Êsses estratos inferiores do psiquismo humano em determinadas circunstâncias psicológicas ou sociopsicológicas, podem sobrepor-se aos dominantes, inerentes à atitude mental em vigor, e se revelar objetivamente, com o desaparecimento total, nos casos extremos, dos processos psíquicos do tipo intelecto-volitivo.

1.4.1. Acentuem-se, porém, a respeito, as maneiras diferentes de considerar a magia e o mito, próprias das mentalidades científica e pré-científica. O "adulto normal civilizado", enquanto é possuidor de uma mentalidade que se guia pela evidência científica e a demonstração racional sabe e pode distinguir aquilo que é "mítico" ou "mágico" do que pertence à esfera do pensamento científico, o mesmo não ocorrendo em relação aos indígenas ou ao homem de cultura folk, que, em geral, ignoram aludida distinção e aceitam indiscriminadamente tanto as tradições seculares como as sagradas.

1.4.2. «A dicotomia do natural e do sobrenatural» — esclarece D. Bidney — «implica uma epistemologia científica e sophistication metafísica, que não deve ser assumida sem segura evidência. E a moderna etnografia abunda em evidência de que tradições sacras da mesma forma que as seculares são acreditáveis pela mentalidade nativa e só diferem quanto às motivações para a crença.» «Mitos e narrativas e práticas mágicas são aceitos precisamente porque o folk pré-científico não as considera meramente como «mitos» ou «magia», desde que uma vez conscientemente aceita a distinção entre mito e ciência, o discernimento crítico adquirido exclui a crença em uma aceitação da magia e do mito.» Considera ainda o mesmo autor, a propósito, que, não obstante os elementos racionais e empíricos encontrados nas culturas folk, especialmente no tocante à manufatura e à utilização de artefatos, o pensamento folk não diferencia ainda claramente a evidência científica e a não-científica. Em síntese, «as práticas folk provêem ampla demonstração da mentalidade acrítica, que permite ao seu portador seguir procedimentos racionais e irracionais indiscriminadamente.» «Não se trata aqui de mentalidade prelógica, no sentido de serem o campônio ou o indígena indiferentes ao princípio de contradição, mas de que, em sua acrítica, pragmática, forma de mentalidade, aquêles indivíduos são indiferentes à metodologia científica e não realizam ainda a incompatibilidade lógica de seus procedimentos empírico-racionais, de um lado, e seus rituais mágicos e superstições, do outro. A êsse respeito, a mentalidade indígena pode ser comparada ao folclore dos povos civilizados, que se pode dizer ser pré-científico no sentido de que o folclore é uma mescla de observação empírica e imaginação acrítica.» (12)

1.4.3. Em comunicação ao Congresso Internacional de Folclore, efetuado em dezembro de 1960, na capital argentina, sugerimos que se procedessem a

investigações dentro das cidades modernas cosmopolitas, reveladoras de heterogeneidade social e cultural acentuada, a fim de organizar uma escala de intensidade do folclórico (saber vulgar) em face do saber científico, em seus aspectos prático e teórico, através dos diversos estratos de que se compõe a sociedade total, tomando como ponto de referência, aspectos considerados universais da cultura humana — a tecnologia, a linguagem, a arte, a crença etc. (13) Trabalho bem difícil de ser empreendido, e exigindo numerosas equipes especializadas em sua realização, mas que poderá trazer resultados mais objetivos (mesmo em têrmos de quantificação, quando possível) ao conhecimento da vida cultural do homem dentro das sociedades modernas e dos processos ou atitudes mentais que lhes são correspondentes.

1.5. No plano da vigência sincrônica, funcional, não podemos deixar de encarar o folclórico — e conservamos êsse têrmo porque, além de outras justificativas, o julgamos acorde com o seu sentido etimológico — em níveis culturais determinados, tomando-se em consideração a escala decrescente que já foi estabelecida: **etnofolk, semifolk, subúrbio rural-urbano.** Excluem-se, pois, os tipos extremos da escala: o **etnográfico,** que, não obstante, só raramente se encontrará hoje em estado puro e que se manifestará ainda em alguns grupos humanos isolados da civilização, e a **elite** urbana, onde a sua ocorrência se fará de maneira esporádica ou, quando nada, desintegrada no sistema cultural característico ou peculiar.

2. A CLASSIFICAÇÃO

2.1. Uma classificação da matéria folclórica deverá, pois, incidir, antes de tudo, sôbre êsse **sentido** ou significado simbólico, através de que o homem, peculiarmente "culturado", exprime vivências e busca satisfazer necessidades de raízes biológica, social ou psíquica, que determinam funcionalmente as manifestações da vida cultural.

2.1.1. Com propósitos eurísticos, poderemos encará-lo (ao **sentido**) em face de dois aspectos, inerentes à culturalidade, que denominaremos aqui de **microfunção** e **macrofunção**. O primeiro refere-se à expressão atualizada de uma vivência individual ou coletiva no âmbito da tradição folclórica. (Como já observou Guizzetti, "todo fenômeno cultural tem seu sentido e sua motivação mais ou menos racional", e "se tôda cultura é projeção da natureza humana, tôda cultura é, em última instância, um sistema subjacente e compreensível.") Quanto à **macrofunção** diremos que concerne à interrelação de fenômenos em um contexto sociocultural total com mira à integração, a qual consideramos que só poderá, em verdade, ocorrer se aquêles fatos se realizarem no mesmo nível cultural, olhado do aludido ângulo epistemológico. Em vista de, na órbita do folclórico, não ser possível sempre, pelas razões já indicadas, buscar êsse processo

integrativo, quando usamos aqui o têrmo **sentido** (funcional) é de referência à primeira expressão, dado que, em última análise o fenômeno preenche sempre uma função com respeito à vida psicocultural do homem, traduzindo, no plano do psiquismo individual — como observou C. Lévi-Strauss — "uma estrutura pròpriamente sociológica, simbolismos realizados na escala coletiva." (14)

2.2. Como o sentido funcional dos fatos culturais nos níveis **folk**, não raro escape à consciência dos atores, deixamos ao cientista que procure apreendê-lo, buscando distinguir o sentido primordial do fato ou objeto de outros sentidos particulares que nestes se possam conter ou revelar, sós ou em associação com o sentido principal. (15) Além de que — segundo Marcel Mauss bem o afirmou — a definição de ocorrências culturais deve caber ao homem de ciência, porque "os atores ou os espectadores do mesmo nível se colocarão em pontos-de-vista subjetivos, que não são necessàriamente os da ciência." (16)

2.2.1. Evidentemente, êsse sentido ou significado precípuo não será fácil de deslindar e delimitar entre os outros significados simbólicos que possam, ao mesmo tempo, encerrar os complexos ou elementos culturais, em quaisquer dos seus níveis de caracterização. Sem dúvida, poder-se-á incriminar essa delimitação, efetuada pelo estudioso, de certo grau de subjetividade, que contrariará propósitos autênticamente científicos. Entretanto, pensamos que, sujeitando-nos ao extremo rigor que determina receios dessa natureza, não chegaríamos a efetuar não só essa tarefa de base classificatória, mas qualquer outra investigação de caráter científico, em que o nosso eu, òbviamente, terá de participar em processos discriminatórios essenciais. O que se faz mister e exige mesmo do estudioso é que procure **observar** e **analisar** adequadamente os fatos que se lhe apresentam, tentando vivê-los como homem **folk** nas diferentes e respectivas situações contextuais, e não como homem de ciência, a fim de buscar descobrir o sentido cultural predominante e sua correspondência funcional nos planos biológico (material), social ou psíquico (não material), a qual servirá para caracterizar no todo ou sintèticamente o fenômeno em estudo. Técnicas de pesquisa, usadas com proveito na investigação, tanto pelo etnógrafo como pelo folclorista, a exemplo da **observação participante**, podem ser invocadas aqui, pois elas põem o estudioso em contacto mais íntimo e esclarecedor com os fatos em sua funcionalidade sincrônica. A **entrevista**, técnica de tanto emprêgo no campo da Antropologia Cultural, orientada no sentido de captar, através das respostas dadas pelos homens **folk** às perguntas feitas pelo antropólogo, o significado por êles atribuído aos fa-

tos que realizam, a **entrevista** merece também ser considerada a respeito. Apesar das cautelas que se devem guardar com relação ao aproveitamento dos seus resultados nesse plano da investigação, não esqueçamos de que para fundamentar a sua validade bastará recorrer às asserções de um filósofo como A. J. Ayer, que não vacila em escrever: "A resposta óbvia à pergunta de como conhecemos algo acêrca das experiências dos demais consiste em que elas nos são comunicadas, ou através de suas manifestações naturais em forma de gestos, lágrimas, risos, jôgo expressivo etc., ou mediante o uso da linguagem. Uma excelente maneira de descobrir o que outra pessoa está pensando ou sentindo é perguntar-lhe a respeito." (17)

2.2.2. **Levado o problema ao plano da análise fenomenológica, relativamente à percepção das expressões culturais, reconhecerá o investigador que «a cultura é também um «mundo intersubjetivo», isto é, um mundo que não existe «em mim», se não que tem de ser acessível a todos os sujeitos, dar a todos a possibilidade de participar nêle. O que ocorre é que a forma desta participação difere totalmente da que nos revela o mundo físico. Em vez de referir-se ao próprio cosmos das cousas no tempo e no espaço, na cultura humana os sujeitos se encontram e se agrupam de outro modo: em uma atividade comum. Ao desenvolver esta atividade conjunta, reconhecem-se uns aos outros, adquirem a consciência mútua do que são por meio dos diversos mundos de formas de que se compõe a cultura.» (18) Estará, pois, o investigador em condições de distinguir o autêntico** sentido funcional **dos objetos e fatos culturais «participando» da vida social das comunidades que êle se propõe estudar.**

2.3. Compreende-se então que, para os nossos propósitos atuais, discriminações sôbre os conceitos de **função, significado** etc., como efetuaram R. Linton e outros, podem ser dispensadas. Usaremos o têrmo **sentido**, ao dizer, por exemplo, que uma superstição cai na esfera do **sentido** mágico, porque, de qualquer sorte, exerce uma função espiritual determinada, que se percebe ressaltar sôbre qualquer outra, atendendo a uma apetência ou motivação psíquica de certos indivíduos, em determinada situação contextual, a qual se refere à vida do homem dentro da cultura e é reconhecida no âmbito do folclórico; que um folguedo popular, embora apresente, em certos aspectos da sua apresentação, **sentido** estético, como em manifestações plásticas, poéticas ou musicais, atende precipuamente, em certas situações contextuais, a uma necessidade enraizada no social, que se concebe como sentido **lúdico** em relação ao grupo. Isso, decerto, apenas o folclorista ou antropólogo cultural poderá discernir ao exame atento dos objetos ou fatos, em seus aspectos parciais e no conjunto, pois a tradição folclórica — conforme já se acentuou — em regra se organiza inconscientemente, no sentido de que os seus participantes não costumam tomar conhecimento do sentido simbólico das obras culturais que estão cumprindo, ou se o tomam, de regra não será da maneira por que faz o homem de ciência, que só ela é válida para os objetivos científicos.

Um fato folclórico, mais especialmente um produto da mão do homem (manufato) — uma escultura de madeira ou barro (ex-voto, imagem, ídolo etc.) — poderá ressaltar expressão estética aos olhos do homem culto, pertencente às **elites** intelectuais urbanas, mas deverá ser incluído no gênero místico da classe dos mentefatos, se êsse foi o sentido funcional precípuo que o folclorista logrou apreender como lhe tendo sido transmitido pelo homem **folk**, no contexto respectivo, e êsse é o sentido que cumpre ao investigador buscar discernir, antes de tudo. O aludido objeto foi "culturado" pelo homem folk em resposta a uma motivação religiosa ou mística fundamental, que manterá o seu significado simbólico na funcionalidade sincrônica. Pois, o homem do povo é o verdadeiro agente atualizador da tradição cultural folclórica.

2.4. Não obstante a relevância que se acabou de atribuir ao **sentido funcional** dos fenômenos folclóricos, no tocante aos propósitos desta classificação com objetivos descritivos, não podemos deixar de considerar que são **objetos** materiais, **atos** humanos e os **fatos** dêles decorrentes — as exteriorizações ou objetivações da cultura — que possuem e revelam êsse sentido funcional. São **formas**, pois, que lhe servem de suporte, o contêm ou o traduzem, de modo a configurarem-no no mundo exterior, em condições de ser captado pela percepção do cientista. Por conseguinte, tôda classificação científica de fenômenos como os folclóricos — produtos do homem dentro da cultura — deverá referir-se, lògicamente, não apenas a uma nota, mas às notas principais, essenciais, do objeto mentado, no caso as relativas à **forma** e ao **sentido** ou significado simbólico.

2.4.1. Sendo uma operação metódica de sistematização e exposição — conforme se acentuou inicialmente — não se aplicará a classificação diretamente aos objetos, mas aos conhecimentos logrados na investigação aplicada sôbre êles. Efetuar-se-á à base de conceitos e deverá partir de definições operatórias, que serão elaboradas, todavia, com vistas a uma conceituação básica dos fenômenos a examinar, de dupla referência caracterizadora — consoante já se registrou — sem o que êles seriam elaborados de maneira incompleta, ocasionando, em face da reconhecida dinâmica da vida cultural, o fracasso de tôdas as tentativas de uma classificação que possa oferecer validade permanente.

2.4.2. Costuma negar-se, atualmente, o valor das classificações científicas, pelo seu caráter "contingente, relativo e provisório". (18) A observação — a nosso juízo — não deverá aplicar-se a êsses úteis instrumentos do trabalho científico, quando estruturados em acôrdo

com essa asseveração — de que é no domínio lógico pròpriamente dito que cumpre situar o problema central das operações classificatórias, que se constituem bàsicamente de conceitos, cuja peculiaridade não é de índole representativa-sensível, mas lógica, intelectual.

É bem verdade que na órbita das ciências da cultura, os conceitos não parecem possuir aquêle caráter de **determinação** que se poderá encontrar nos conceitos atinentes aos objetos matemáticos ou aos próprios das ciências naturais. Entretanto, graças a êles será possível **ordenar** de algum modo o particular dentro do universal e **caracterizar** os objetos do nosso campo de estudo — segundo observa E. Cassirer. Em síntese, diremos — ainda com êsse filósofo — que o conceito expressará "discursivamente" o que a percepção apreende em forma de conhecimento puramente "intuitivo". Em nosso caso, os conceitos não se referirão especificamente a **coisas** e **leis**, mas a **formas** e **significações**, que buscaremos interpretar à luz de conhecimentos, com suficiente fundamentação empírica, já elaborados no campo da teoria antropológica. (19)

2.4.3. Os conceitos sôbre objetos ou situações objetivas existentes ou ocorrentes no domínio cultural, devem, por certo, ser elaborados com destino à validade universal ou, antes, geral (para evitar implicações de ordem metafísica) (20); aos seus significados se procurará atribuir conteúdos permanentes, dentro do universo a que se circunscreve a sua compreensão. Além do enfoque como entes lógicos, os conceitos que aqui nos interessam — não será demais lembrar — jamais deixarão de referir-se a objetos ou fatos, que, pela sua índole tradicional, só cabem ser apreciados quando revelam extensão social ou coletiva.

O que pode, decerto, variar são as coisas significadas, em nosso caso — o sentido ou a forma das coisas significadas, e não o significado dos conceitos a elas atinentes. Um **artefato**, que atualmente funciona em determinado contexto cultural com sentido mágico-religioso, único ou predominante, não poderá ser incluído senão na classe dos **mentefatos**, cuja definição deverá fazer referência às notas que lhes serão caracterizadoras, distintivas, entre os demais gêneros em que se divide a classe geral dos fatos folclóricos, embora, em outros níveis sincrônicos, dentro do tempo, possa aparecer o objeto citado com as características essenciais distintivas, que servem para alicerçar a definição dos objetos pertencentes a outro gênero. Uma classificação bem orientada poderá abrir caminhos ao esclarecimento de problemas tão complexos como o das relações entre forma e função, devendo, pois, ser estruturada para aplicação tanto no plano sincrônico atual, como no da diacronia.

2.4.4. Ponhamos de lado o sentido formal do problema, em que os «complexos de conceitos», que são em geral os conceitos científicos, têm que ser reconhecidos em sua universalidade, pois, como acentuou o próprio Rickert (apesar da sua «conceituação individualizadora» das ciências culturais), os últimos elementos dos conceitos científicos são universais em tôdas as circunstâncias, e um conceito não se pode formar mais do que de elementos universais». (21) Situaremos o problema no plano da validade permanente que devem ter os conceitos, em vista da idéia de que a realidade cultural é dinâmica, «está sempre transformando-se ou desenvolvendo-se».

Morris J. Cohen parece enviar-nos a rumo certo quando estuda a significação dos conceitos, os quais afirma categòricamente serem «signos (principalmente palavras e símbolos audíveis ou visíveis) que indicam relações invariáveis, isto é, relações que permanecem idênticas apesar das variações do material a que se acham incorporadas.» (22)

Para a elaboração dos conceitos que aqui devemos empregar, o escopo, decerto, será procurar descobrir as normas a que se subordinam as mudanças nessa realidade cultural e as características invariáveis que fazem com que as cousas mantenham sua identidade através da mudança. (23)

Assim, «a dedução será proveitosa — refere ainda Cohen — na medida em que partamos das transformações reais, unitárias ou universais, quando se conjugam com tôda a classe de transformações secundárias.» (24)

Evidentemente, ao formularmos os conceitos básicos desta classificação, procuramos encarar sempre como princípio orientador essa identidade de «relações invariáveis», que se revela através da mudança cultural.

2.5. No âmbito do folclore encontram-se — conforme já se tem dito — elementos da mais variada procedência histórica e cultural, elementos já folclorizados, etnográficos, pré-históricos, da história antiga, medieval etc., elementos êsses que, certas vêzes, pertenceram ao **corpus** científico de épocas pretéritas, como ocorre especialmente no campo da medicina popular; elementos êsses, que, isolados ou em aglutinação a outros, perderam o seu primitivo sentido funcional e hoje o têm modificado ou substituído, acontecendo integrarem complexos folclóricos novos. Nesse domínio, mais do que em qualquer outro pertencente ao orbe cultural, há necessidade de atender-se a êsse sentido dinâmico, que não só repercute sôbre a **forma** (embora esta seja considerada mais persistente), reduzindo complexos culturais ou instituições a simples elementos ou traços, incorporando êstes a novos complexos, e assim por diante. Muitas vêzes, a forma é alterada para adaptar-se a novas funções e vice-versa. Isso, porém, nada tem a ver, sem dúvida, com os conceitos que se referem aos distintos **aspectos** considerados **universais** da cultura humana, assim encarada nos seus campos ditos material e não-material. Pois, êsses conceitos, atendendo às exigências da sua caracterização científica, deverão — segundo se frisou — apresentar a mesma validade compreensiva em relação a quaisquer contextos socioculturais. E bem assim, os significados dos demais conceitos que forem empregados na classificação de sentido morfo-funcional e genética, que ora buscamos fundamentar. Consoante o exposto, ela incidirá não

apenas sôbre problemas do **sentido funcional** e da **forma**, mas ainda, atinentes ao **processo**, dado que a cultura deve ser olhada também em sua dimensão histórica, na indispensável visada "pancrônica" a que se aspira nos estudos culturais.

2.5.1. De acôrdo com o que já indicamos, apoiados em ensinamentos lógicos, a classificação deverá ocupar-se "em organizar os conhecimentos que se procuram na investigação, em complexos unitários cada vez mais elevados", ultimando as suas tarefas "ao dispor as sistematizações em um quadro apto para a sua comunicação, para a geral compreensão do saber." (25)

Partiremos, assim, de alguns conceitos, que se buscará definir prèviamente de maneira precisa e ajustável a nossas intenções operativas, dentro de um campo teorético que se refere à cultura humana, mais especificamente ao Folclore. Não se tratará, pois, de apresentar conceitos **a priori**, arbitràriamente formulados, antes de sólidos contactos com a realidade sociocultural, histórica. Ao contrário, êles deverão ser o resultado de uma busca, o quanto possível rigorosa, de um ajustamento de suas notas objetivas essenciais à comprovação de dados empíricos peculiares, examinados exaustivamente em suas mais significativas dimensões existenciais. Êsses conceitos têm necessàriamente de possuir **fundamentum in re**, se buscam significar "qualquer cousa mais do que simples nomes convencionais cunhados por nós para fins de classificação." (26)

2.6. Para os fins desta classificação e baseados em idéias correntes na época atual, no domínio do estudo antropológico a que se acha afeto, consideramos o folclórico perante a realidade bio-psico-social do homem, pois, a nosso ver, não há como refugir à idéia de que o nível do cultural não constitui uma realidade **sui-generis**, independente do indivíduo, desde que, concretamente, a cultura se dá redistribuída no indivíduo, referida e fundada nas possibilidades de sua tríplice natureza." Em síntese, o que ora se afirma é que "não temos fatos culturais em si, **stricto sensu**, mas fenômenos bio-psico-sociais configurados pela cultura." (27)

Embora não devamos esquecer de invocar, com Birket-Smith e outros, aquela noção fundamental de que, possuindo tôdas as culturas sua origem na vida psíquica humana, o conceito de cultura material, de certo modo, se contradiz a si próprio: é uma **contraditio in adiecto**; para os nossos objetivos classificatórios achamos conveniente focalizar os fatos culturais sob acepção menos lata, buscando caracterizar os aludidos fatos em função do conceito bidneyano daqueles três planos hieràrquicamente diferenciáveis da natureza humana ("A natureza humana é tríplice em sua unidade").

2.6.1. "O processo cultural é polarístico. O homem **cultiva** não sòmente a si próprio ou as suas próprias potencialidades naturais, mas também os objetos naturais do seu ambiente. Em adição aos artefatos materiais e "agrofatos" existem símbolos conceituais ou **mentefatos**, compreendendo linguagem, tradições, literatura, moral, estética e ideais religiosos, tanto como os vários instrumentos intelectuais da pesquisa científica, que são válidos e objetivos para a mentalidade que os concebe e reflete sôbre êles como fenômenos mentais. Existem também as normas sociais e organizações que podemos chamar **sociofatos** e que servem para regular a conduta do indivíduo dentro da sociedade, assim como a sociedade como um todo em relação às outras sociedades." (28)

Assim, os produtos da ação do homem exteriorizados no meio ambiente, no nível cultural, folclórico (fatos folclóricos), podem ser compreendidos como **artefatos**, **sociofatos** e **mentefatos**, de acôrdo com a divisão e a terminologia estabelecidas pelo pensador norte-americano David Bidney, autor das considerações acima expostas.

2.6.2. O têrmo manufato, indicado por Guizzetti, para substituir o de artefato, não nos parece aqui aconselhável, porquanto em tôdas as três classes genéricas em que se dividem os fatos folclóricos se encontrarão produtos da mão do homem, e nada se lucraria com a adoção de algo que vai contrariar os propósitos de distinção, da discriminação, o quanto possível rigorosa, que se devem seguir, ao tentar empreender classificações de cunho científico.

2.6.3. **Artefatos**, **ergofatos**, **tecnofatos**, ou melhor, **biofatos** ou **fisiofatos** (em vista da preeminência conceitual que atribuimos ao sentido funcional dos fatos, e mesmo porque devem ser incluídos também neste grupo **agrofatos**) são têrmos com que, afinal de contas, poderemos abranger os produtos culturais relativos à vida material do homem, como antes se escreveu, tendentes a satisfazer as suas necessidades materiais ou biológicas. Os **sociofatos** vinculam-se à existência social do homem, aos processos da sua organização social, e os **mentefatos** concernem à vida espiritual pròpriamente dita, considerando-se dentro desta não só os produtos do raciocínio ou do intelecto, mas também os do sentimento ou da sensibilidade, da intuição etc., enfim, de tôda a vida psicológica do homem, relativa ao processo cultural. Por isso, ao têrmo **mentefatos** propomos substituir pelo de **psicofatos**, dado que o têrmo **mente** (em nosso idioma, pelo menos) vem associado sempre à idéia de intelecto e os objetos culturais de que tratamos dizem respeito ou são produto de tôdas as manifestações espirituais ou psíquicas humanas, não só as conscientes, como as inconscientes, de tanto significado, hoje em dia, nas modernas investigações etnolingüísticas. (29)

Assim sendo, partiremos em nossa classificação dessas três classes universais de fenômenos que constituem o que se convencionou denominar amplamente de cultura **material** e **não-material**.

2.6.4. Nas classificações de Paul Sebillot (1907), de Charlotte Burne (1914), de Hoffmann Krayer (1919), observa-se o seguinte: enquanto o primeiro silencia sôbre os fatos de ordem material, os últimos já incluem certos aspectos da parte ergológica, sem agrupá-los, todavia, numa classe perfeitamente delimitada e separada das demais. Luís de Hoyos Sáinz e sua filha Nieves de Hoyos Sancho, bem como Castillo de Lucas, folcloristas espanhóis, seguem a orientação de conservar os fatos ligados à vida material como parte da Etnografia. Hoyos Sáinz divide a matéria em Folclore descritivo e Etnografia descritiva. Coube a Saintyves, em seu "Manuel de Folklore" (1936) situar a parte ergológica no quadro da classificação geral do Folclore, em perfeita harmonia e em situação idêntica à que cabe aos fenômenos da vida mental e da vida social. B. Jacovella, na Argentina, e vários folcloristas brasileiros, aceitam a classificação do cientista francês. Oswaldo R. Cabral, em seu livro "Cultura e Folclore" procura fazer uma acomodação dos quadros de Saintyves, Jacovella e Morote Best (Cuzco-Peru), bem assim, da classificação adotada na Universidade de São Domingos, organizada esgundo as normas estabelecidas por R. S. Boggs, de maneira que, através de uma forma mais estruturada, se pudesse chegar "a atender às minúcias sem o risco de se perder na complexidade das divisões e subdivisões." (30) Divide, pois, o Folclore em: I — Folclore espiritual; II — Folclore sociológico; III — Folclore ergológico; IV — Folclore secreto. Sem dúvida, esta classificação poderá satisfazer dentro da ampla conceituação moderna que hoje apresenta o Folclore como matéria de estudo. De fato, ela procura abranger não só os aspectos materiais, como os não materiais da cultura popular. Entretanto, achamos o têrmo **sociológico** mal aplicado, porque poderá sugerir a idéia de um enfoque da matéria estritamente sociológico, quando isso não deve ser o nosso objetivo fundamental. O de que se trata, no caso, é de aludir aos aspectos da matéria folclórica que se referem à vida social. Os fatos relativos à vida material, que — no dizer de Saintyves — "reunem tudo o que se prende àquilo que o homem dispõe e cria para atender às suas necessidades materiais, às necessidades da sua existência", recebem na classificação de Cabral o título genérico de **ergológico**. Leite de Vasconcelos usou êsse têrmo como sinônimo de **tecnografia** para se referir aos objetos materiais. O têrmo **tecnologia** recebe hoje as preferências de muitos, e no conhecido "Dicionário de Sociologia", de Fairchild, é definido como "o ramo da Antropologia Cultural que se ocupa do

estudo da cultura material e das artes industriais." Observe-se, ainda, que aí o nome **artefato** é definido como "o objeto material feito pela indústria humana; elemento da cultura material." Entretanto, como já tivemos oportunidade de frisar — a expressão **cultura material** é, na essência, julgada falaciosa por certos autores. Os fatos da vida espiritual — conforme Saintyves — constituem "o enorme domínio das representações, dos sentimentos, das atividades destinadas a conciliar as necessidades do espírito", o que "não é sòmente o conjunto de conhecimentos positivos ou de doutrinas filosóficas, morais e religiosas, difundidos na classe popular, mas a multidão de sentimentos e de atos que são comandados por estas múltiplas representações." Quanto aos fatos concernentes à vida social — conclui o mesmo folclorista — apesar de formarem os da vida espiritual e material dos mesmos, tratam êles "da vida das instituições e associações, graças às quais os camponeses e operários incultos se esforçam por desenvolver e utilizar o espírito de solidariedade de seu grupo, da sua classe, e satisfazer, destarte, mais eficientemente, as suas mais diversas necessidades." (31) Vê-se, pois, que coincidem, em suas linhas gerais, as nossas idéias com as do renomado cientista francês acêrca das objetivações culturais e de sua distribuição no plano da realidade folclórica. Aliás, nos encontramos ainda bem próximos do mesmo estudioso, quando estabelece a sua diferenciação conceitual entre Folclore e Etnografia, que — a seu juízo — se ocupariam, respectivamente, da cultura das camadas populares das sociedades civilizadas e da cultura das sociedades ou povos ágrafos, isto é, que não possuem tradição escrita, os considerados primitivos. (32)

Voltando, porém, à classificação de Cabral, acrescentaremos que a quarta classe da sua divisão — Folclore secreto — em a qual se incluem espécies como canções e contos libertinos e eróticos, casas públicas, males venéreos, vocabulário e anedotário fesceninos etc.; diremos que ela se acha deslocada junto às outras três classes da divisão geral. Poderá ser estudada, como um capítulo à parte, ou um apêndice, quando se focalizarem as subdivisões da matéria folclórica concernentes a cada uma das espécies situadas no campo fescenino ou erótico, mas não poderá ser considerada no mesmo plano genérico das três grandes divisões do estudo folclórico. Não entraremos em discussão acêrca da propriedade ou não de se divulgarem abertamente os resultados das investigações efetuadas nesse campo que, em última análise, se encontrará no âmbito da investigação científica, a qual em sua fase empírica, deve ater-se objetivamente aos fatos e não aos valores de que se possam os mesmos revestir.

Para usar de têrmos lógicos, os elementos do **folclore secreto** se acham em relação de subordinação, como espécies que são, aos três gêneros da divisão fundamental, em que se possam achar incluídos. O conceito **folclore secreto**, que os assinala, não deve, portanto, ser classificado no mesmo plano ou nível lógico que os demais conceitos em que se procurou abranger o estudo da matéria folclórica.

Êsse êrro lógico do grande conhecedor da ciência folclórica que é O. R. Cabral, não chega a empanar o valor do seu trabalho no domínio da teoria e da metodologia folclóricas.

2.7. **Objetos** e **atos**, isolados ou em série, constituem, em suma, as objetivações ou concretizações culturais, no caso, a realidade formal, objetiva, do folclórico, em que, portanto, devem ser registrados, para o estudo, os **produtos** ou obras do homem no meio ambiente, bem assim, os modos com que se costumam apresentar os **processos** de sua realização e utilização como fato cultural. Isso — como se indicou — no tocante à **forma** dos fenômenos que nos interessam aqui classificar descritivamente.

2.7.1. Cumpre-nos esclarecer que consideramos aqui **objetos**: séres, cousas, qualidades, situações, relações, configurações etc., existentes no âmbito cultural, folclórico. Por **atos** entendemos: movimentos e modos de atuar do homem dentro da cultura, ou com sentido cultural, folclórico. Também acentuamos que, para nós, **fenômeno** adquire sentido dinâmico, enquanto que **fato** concernirá ao produto, à obra realizada, em todos os seus aspectos. A verdade é que se poderá descobrir no âmago do nosso pensamento aquela concepção dinâmica da realidade, esposada por Alfred Whitehead e outros, que nela vêem não simplesmente cousas, mas, sobretudo, acontecimentos, sucessos.

2.7.2. Malinowski escrevera em certo trecho da sua obra principal: "Tôda proposição da Antropologia Científica deve referir-se a fenômenos suscetíveis de ser definidos pela **forma** no mais objetivo sentido do têrmo." (33) Mas — consoante já se frisou tantas vêzes — os objetos culturais apenas o são em virtude do **sentido** ou significado que lhes transmite o homem dentro da cultura (**man in culture**), de acôrdo, assim, com os padrões psicoculturais ou as "configurações" para êle vigorantes, e é com êsse cunho simbólico que êles funcionam nos contextos socioculturais.

2.7.3. Destarte, consideramos **forma**, com R. Linton, o aspecto dos complexos culturais, cujas manifestações podem ser diretamente observadas, algo que pode ser estabelecido objetivamente e por meio de observação direta, e **sentido** — as associações, em geral subjetivas

e inconscientes, que ocorrem no indivíduo "endoculturado" ao realizar os fatos culturais, e que nestes se revelam, de modo a poderem ser captados, através do seu funcionamento, pelo analista cultural, dentro de determinados contextos.

2.8. Poderemos, pois, submeter aquelas três classes de fenômenos a um exame segundo os conceitos aludidos. Passemos então a especificar o conteúdo de cada um dos conceitos, cujas expressões irão constituir a terminologia a ser adotada em nossa classificação. Cumpre-nos acentuar aqui que, em certos momentos da discriminação, de caráter não essencial, com o objetivo de tornar mais clara e precisa a percepção do nosso raciocínio aos que pertencem ao mesmo domínio lingüístico, buscamos escolher têrmos cujos significados se ajustem aos com que, de ordinário, os compreendemos em nosso uso idiomático, que correspondem semânticamente aos nossos hábitos lingüísticos de usá-los. Esta conduta deverá ser tomada, no entanto, apenas como uma orientação básica, a ser aplicada em outros domínios lingüísticos, de acôrdo naturalmente com os modos próprios de conceber e definir os diferentes aspectos com que apresentam as objetivações folclóricas, nesses planos da realidade fática então analisados.

2.8.1. Na classe dos fatos relativos à vida material, que, **faute de mieux**, chamaremos de **biofatos**, as designações escolhidas são as seguintes para os gêneros que a mesma compreende na esfera da forma: **utensílios, construções**, além de **outras formas materiais**, que não se enquadram à concepção que geralmente formamos daqueles. Para essa ordem de fatos atribuiremos **sentido funcional** predominantemente **utilitário** ou **econômico**. Êsses têrmos — devemos observar antes de tudo — encerram como noção central a idéia de satisfação das necessidades materiais, essencialmente biológicas; ligam-se por nós à idéia de nossa conservação ou de nosso bem-estar. Como **utensílios** entendemos objetos que servem de meio ou instrumento para a satisfação de aludidas necessidades, mas que, em geral, não possuem dimensões muito amplas e são fáceis de manejar ou transportar, como os utensílios de uso doméstico, certos objetos de origem artesanal ou tecnológica, instrumental do trabalho agrícola, da pecuária, das indústrias rurais etc. Com o nome de **construções** referimo-nos a obras materiais de porte avantajado e estrutura mais ou menos complicada, por vêzes imóveis, a exemplo de habitações, feiras, mercados, certas construções náuticas etc. Mas, como no setor da cultura material ainda se registram outros objetos (sêres e coisas), a exemplo de alimentos — comidas e bebidas, os já citados **agrofatos** etc., reservamos para êstes lugar próprio como gênero, na classe de que tratamos.

Frise-se ainda uma vez que numa classificação da índole descritiva da que ora intentamos fundamentar, não podem deixar de constar os modos ou **processos** de elaboração dos objetos e os da sua utilização. Usaremos o têrmo **técnicas** para os primeiros; aos segundos preferimos denominar processos ou modos de utilização, sem distinção especial.

Cumpre, pois, especificar os integrantes desta primeira classe em nossa divisão — os produtos folclóricos (objetivações culturais) e as técnicas ou processos materiais a êles associados, com **sentido funcional** econômico ou utilitário, essencialmente biológico.

2.8.2. Os sociofatos são definidos como fatos culturais que, por traduzir apetências ou necessidades sociais do homem, de modo precípuo, devem apresentar **sentido funcional** relativo à manutenção, contrôle e estímulo da vida social, inclusive sob os aspectos **educativo e lúdico** grupal. Quanto à **forma** consideram-se as configurações, que se reconhecem como instituições sociais. Em outra subdivisão — para o estudo da elaboração daquelas — colocaremos os **modos de interrelações sociais**, que podem ocorrer nos âmbitos familiar, grupal, microcomunitário, macrocomunitário etc. Para **instituição** aceitamos aqui definição que se encontra no Dicionário de Fairchild: "a soma total dos padrões, relações, processos e instrumentos materiais estruturados em tôrno a um interêsse social de importância." Pode compreender tradições, costumes, convenções, juntamente com instrumentos físicos, como edifícios, sistemas de comunicação etc. Portanto, refere-se a atos humanos e objetos, ainda que, ao contrário do que se observa em relação à cultura material, os primeiros ocupem lugar aqui de maior relêvo no plano formal, em que se objetivam os fenômenos folclóricos. Como sociofatos folclóricos oferecemos ao estudo: costumes tradicionais da coletividade, jogos e divertimentos públicos, folguedos populares, festas profanas etc., que denominamos **instituições** pròpriamente ditas. Preferimos o têrmo **configurações** para a totalidade das objetivações folclóricas no campo da vida social, incluindo-se sob a sua acepção a família, o parentesco, as relações de vizinhança etc., porque, embora não deixem êsses fatos de ser também instituições, com aquela expressão parece que traduzimos mais adequadamente matizes semânticos peculiares, em acôrdo com o nosso gênio idiomático, ou a nossa consciência lingüística.

2.8.3. Substituindo o têrmo **mentefatos** por **psicofatos** pelas razões já expostas, consideraremos os mesmos, do ângulo formal, sob as designações de **obras, concepções, instrumentos** e, por último, incluímos na série aquelas objetivações culturais que, porventura,

não se possam ajustar conceptualmente aos gêneros anteriores, rotulando-as de **outros símbolos ou formas expressivas**, a exemplo de mímica,gestos etc.

Quanto aos modos de elaboração dêsses psicofatos, consideramos na classificação: **práticas, ritos, processos elaborativos. O sentido funcional** caracterizador dos mesmos será compreendido nas esferas **mística, estética, cognoscitiva** (que abrange os aspectos científico e filosófico da sabedoria popular) e **ética.**

Passemos às definições operatórias. Por **obras** entendemos objetivações folclóricas de certa importância, tocadas ou animadas pelo sôpro da arte, da ciência ou do pensamento filosófico, ainda que os valôres respectivos, no âmbito popular, costumem ser de percepção meio obscura ou pouco nítida, considerados em face das revelações espirituais do homem culto. (34) Entre as **obras** citamos: esculturas, pinturas, contos, lendas, romances, mitologia, poesia popular, canções, coreografias, teatro popular, cosmovisão etc. Sob o têrmo **concepções** enumeram-se produções populares da mesma ordem, porém de menor envergadura espiritual, tais como adivinhações, provérbios, ditados, comparações, decoração, ornatos, superstições, crendices, medicamentos empíricos, alcunhas, dísticos etc.

Ainda que, em última análise, possam ser incluídas nos gêneros acima citados as espécies que passaremos a focalizar, com o objetivo de tornar mais precisa a discriminação, adotamos a expressão **instrumentos** para nomear os objetos ou formas que servem para a execução de outros mentefatos, a saber: os instrumentos musicais, os objetos ou símbolos que preenchem determinadas funções nos ritos religiosos ou mágicos, bem assim, nas realizações de cunho científico, como tábuas, ábacos, relógios de sol, ex-votos, amuletos, imagens, fórmulas mágicas, bebidas ou comidas rituais etc. Quando usamos o têrmo **ritos** é a propósito de ritos mágicos, religiosos ou mágico-religiosos, no domínio folclórico. **Práticas** concernem especialmente a atos sem sentido místico declarado, como certas práticas nos setores da medicina, da meteorologia populares e outros. **Processos elaborativos** dizem respeito aqui à elaboração das obras em que se descobrem sentimento artístico, a sabedoria popular, de índole científica ou filosófica, aos meios ou processos espirituais empregados na execução dessas obras.

2.9. Estabelecidos os fundamentos desta classificação poderemos tratar de uma ordenação lógica dos indivíduos nas espécies e destas nos gêneros respectivos, buscando não esquecer sempre de que a **forma** tem servido errôneamente de orientação única para a divisão da matéria folclórica. Note-se, porém, que, embora sirva de base precípua o **sentido funcional** dos fatos, é como **formas** objeti-

vadas que os poderemos enquadrar numa classificação bem elaborada, nesse sentido, como a de Oswaldo R. Cabral. (35)

2.9.1. Destarte, os fatos folclóricos relativos à vida material, poderão ser estudados, como **produtos** (objetos), de acôrdo com a seguinte distribuição genérica: habitações e anexos (mobiliário e utensílios domésticos etc.); locais de comércio (feiras e mercados); indumentária (peças do vestuário etc.); culinária (bebidas e comidas etc.); meios de transporte (embarcações, carros de bois, outros veículos e seus pertences); artesanato (tecidos, trançados, rendas e bordados, objetos de couro, madeira, cerâmica, vidro, metais etc.); instrumental de trabalho (aparelhos de caça, pesca, pastorelo, agricultura; dos ofícios e profissões etc.). Quanto aos **processos** (resultantes de atos, não raro em série) consideraremos as técnicas ditas de elaboração (produção, troca, conservação, do artesanato popular, das indústrias rurais); e os meios de utilização dos produtos, encarando-se ainda, a respeito, os ofícios e profissões do homem **folk**.

2.9.2. Os **sociofatos** folclóricos como produtos culturais serão classificados, tendo-se em vista as configurações sociais, para o estudo de: a família (o parentesco, o compadrio etc.); costumes relativos a certos momentos da vida (nascimento, casamento, morte etc.); relações sociais (relações de vizinhança, costumes, atitudes, hábitos da comunidade etc.); festas profanas; folguedos populares; jogos e passatempos; lúdica infantil. Como **processos**, consideram-se os modos das interrelações sociais, caracterizados nas diferentes formas de agrupamento em que se costumam organizar os homens ao viver em sociedade.

2.9.3. Na classe dos **psicofatos** serão objeto de estudo, como **produtos**, no plano do sentido estético, os fatos referentes à literatura, artes plásticas, artes rítmicas; no plano funcional místico, os concernentes à religião, mitologia, crenças, superstições (crendices, magia etc.); na órbita do conhecimento ou sabedoria populares, as revelações folclóricas atinentes à medicina, meteorologia, direito, matemáticas etc. (correspondentes aos domínios das ciências respectivas); à cosmovisão, antropovisão etc. (correspondentes ao campo filosófico); enfim, no plano do sentido ético ou moral serão focalizados os valôres, as normas éticas etc. Como **processos** serão estudados aquêles ritos, práticas e processos elaborativos, acima mencionados. Quanto aos fatos de linguagem, que nos possam interessar, como indicadores de aspectos da cultura popular, é evidente que êles podem ser considerados, de acôrdo com as situações contextuais, em qualquer das três classes em que se dividiu a matéria folclórica. Pregões, anúncios, por exemplo, podem ser julgados pelo seu sentido econômico ou utilitário predominante, como biofatos;

linguagens especiais de grupos sociais ou profissionais nos níveis **folk**, como sociofatos; e, na qualidade de mentefatos, que já de si o são, na sua mais profunda compreensão cognoscitiva, segundo ensina a Etnolingüística, podem ainda ser encarados os fenômenos lingüísticos com sentido estético, místico ou ético predominantes.

3. CONCLUSÕES

3.1. Consoante a observação de um antropólogo moderno, "as classificações dos materiais da cultura baseadas sôbre a forma são apenas uma etapa para chegar à compreensão do processo, isto é, dos caracteres dinâmicos, e inventar para um fenômeno tão complexo uma série de categorias, baseadas em critério único, é simplificar em excesso os fatos e, destarte, alterar o valor das classes assim estabelecidas". (36)

O conceito de **variabilidade**, que hoje domina a pesquisa científica, no campo da cultura se torna de importância capital, em face da sua dinâmica, devendo a classificação ser elaborada em atenção aos contextos vários e cambiantes em que os fatos se apresentam nas dimensões existenciais, pois — de acôrdo com a Lógica — os objetos a que os seus conceitos se referem são **objetos reais**, existentes, sujeitos às contingências individuais. (37)

3.2. Se as operações taxonômicas, no âmbito das ciências em que se caracteriza melhor o domínio do pensamento racional, perderam muito da sua rigidez e da sua fixidade, num campo como o que objetivamos, o das disciplinas psicossociológicas, tal ocorrência ainda melhor se acentuará, pelas sabidas dificuldades que surgem quando se procura elaborar cientìficamente a experiência dos fenômenos humanos, (38) sujeitos — como já se referiu tantas vêzes — a diferentes perspectivas quando examinados sistemàticamente num sentido pancrônico ou com vistas ao devenir histórico.

Aquela "exigência de necessidade", a que tenderá o verdadeiro conhecimento científico, aliás, sempre a oscilar entre essa categoria lógica e a de probabilidade — conforme lembra Césari — em nossos domínios, talvez mais do que em quaisquer outros, encontrará óbices para alcançar a sua plena realização. (39)

3.3. Vimos, no curso dêste trabalho, que o fundamental, ao empregar a classificação por nós aconselhada, deve ser o conceito de **sentido funcional**, que, ao variar em contextos diferentes, determinará mudança de colocação do fato que lhe corresponde, na divisão genérica básica. A mudança de **forma** de um contexto para outro, que também pode acontecer, não determina tal ocorrência se a **função** não mudar. Entretanto, encaramos bàsicamente certa correla-

ção entre determinados aspectos formais e determinados sentidos ou funções, que assinalarão as ocorrências caracterizadoras, por serem as mais comuns.

Seguindo as lúcidas asserções de M. Cohen acêrca da significação dos conceitos científicos, cremos haver procurado "focar as cousas não como simples portadoras de qualidades, porém, mais significativamente, como centros de relações e capacidades cambiantes". (40)

3.4. Em suma, para os efeitos desta classificação, devemos considerar os fenômenos em sua funcionalidade sincrônica, relativamente: a) à vida psicocultural do(s) agente(s) da tradição — um sistema interno, estruturado, dos fatos psicológicos, por êle(s) assim vivido(s) e nos quais se encerra valor coletivo; b) à interrelação com outros fenômenos da vida cultural, com vistas à integração num mesmo sistema, que corresponde ao nível cultural, olhado do ângulo epistemológico. Demais, a realidade fática será considerada ante duas perspectivas individuais a que se achará exposta: a) a dos próprios agentes da tradição folclórica; b) a do folclorista ou antropólogo cultural, a única válida para os objetivos científicos, a qual, não obstante, deverá ser ajustada, o quanto possível, ao nível cultural do homem **folk**, no sentido de procurar viver os fenômenos, situando-os na sua realidade própria, a fim de poder captar-lhes o verdadeiro **sentido funcional**, de importância básica para esta classificação.

QUADROS SINÓPTICOS

I

MATÉRIA FOLCLÓRICA
(FATOS CULTURAIS)

- BIOFATOS
  (artefatos, agrofatos) — relativos à vida material
- SOCIOFATOS - relativos à vida social
- PSICOFATOS (mentefatos) — relativos à vida espiritual pròpriamente dita

II

MATÉRIA FOLCLÓRICA

- FORMA
  (Objetivações)
- SENTIDO
  (funcional)

III

FORMA

- PRODUTOS
  (objetos)
- PROCESSOS
  (atos)

IV

SENTIDO FUNCIONAL	RELATIVO AO BIOLÓGICO OU À VIDA MATERIAL		UTILITARIO
			ECONÔMICO
	RELATIVO À VIDA NÃO MATERIAL	SOCIALIZANTE	EDUCATIVO LÚDICO ETC.
		ESPIRITUAL PRÒPRIAMENTE DITO	ESTÉTICO MÍSTICO COGNOSCITIVO ÉTICO

V

SENTIDO (funcional)		**FORMA**	
BIOFATOS	UTILITÁRIO ECONÔMICO	PRODUTOS	UTENSÍLIOS CONSTRUÇÕES OUTRAS OBJETIVAÇÕES
		PROCESSOS	TÉCNICAS DE CONFECÇÃO DE UTILIZAÇÃO
SOCIOFATOS	SOCIALIZANTE (EDUCATIVO, LÚDICO GRUPAL ETC.)	PRODUTOS	CONFIGURAÇÕES SOCIAIS (INSTITUIÇÕES)
		PROCESSOS	MODOS DAS INTERRELAÇÕES SOCIAIS (familiar, grupal, microcomunitário, macrocomunitário etc.)
PSICOFATOS	ESTÉTICO MÍSTICO COGNOSCITIVO (aspectos científico e filosófico) ÉTICO	PRODUTOS	OBRAS CONCEPÇÕES OUTROS SÍMBOLOS OU FORMAS EXPRESSIVAS
		PROCESSOS	PRÁTICAS RITOS MODOS ELABORATIVOS

NOTAS

1 — Cohen, Morris J. — INTRODUCCIÓN A LA LÓGICA. Fondo de Cultura Económica — México, 1952, p. 95 (1.ª edição espanhola do original inglês A PREFACE TO LOGIC).

2 — César, P. — LA LOGIQUE ET LA SCIENCE. Dunod — Paris, 1955, pp. 161 a 166, especialmente. Pensadores de tendências diversas coincidem em seus pontos de vista sôbre o tema. V., a propósito o que consideram Dilthey, W. — THÉORIE DES CONCEPTIONS DU MONDE — Presses Universitaires de France — Paris, 1946, pp. 197-198 (**questões de método a propósito de classificações**); Cassirer, E. — ZUR LOGIK DER KULTURWISSENSCHAFT — Há tradução espanhola — LAS CIENCIAS DE LA CULTURA. — Fondo de Cultura Económica, México, 1951, pp. 30-31; Whitehead, A. N. — SCIENCE AND THE MODERN WORLD — The Macmillan Company — New York, 1925 — **passim**.

3 — Lévi-Strauss, C. — SOCIOLOGIE ET ANTHROPOLOGIE — Presses Universitaires de France — Paris, 1950. V. **Introduction à l'Oeuvre de Marcel Mauss** — pp. XVI, XVII, XXVI, XXXVII, especialmente.

4 — O conhecimento pré-científico, tão bem observado no nível etnográfico, tem-no sido igualmente nos níveis folk Efetivamente, não podemos falar aí de verdadeira ciência, se a definirmos, sob o prisma antropológico, como «um tipo de conhecimento que pressupõe uma concepção da natureza como conjunto de uniformidades cognoscíveis pelo homem e suscetíveis de ser esquematizadas em leis, em virtude das quais é possível a previsão de fenômenos não registrados anteriormente, e a produção de outros ou, ao menos, o seu contrôle». A ciência assim definida — observa um estudioso — não existe no nível etnológico, com exceção de médicos, funcionários e missionários ocidentais, e, enquanto às comunidades **folk**, só se verifica nos representantes da elite urbana que habitualmente costumam nelas residir. O corrente entre indivíduos etnológicos ou **folk** é êsse tipo epistêmico que Bidney caracterizou como **pré-científico**, e que se diferencia do **científico** porque pressupõe a unidade simpatética entre o vital e a natureza cósmica, por um lado, e a vontade humana pelo outro, de tal modo que certos indivíduos especialmente dotados — que possuem «mana» — podem influir mediante atos mágicos na natureza física e biológica. Entre os indivíduos de cultura etnológica ou **folk** estas atitudes e práticas pré-científicas se complementam com o que se pode denominar de «homociência», isto é, o conhecimento e emprêgo puramente empíricos, que prescinde do conhecimento analítico dos específicos fatôres curativos, porém, similar à ciência aplicada de elementos proporcionados pelo «oikos» da comunidade, principalmente ervas e outros vegetais; emprêgo que, pelo

geral, se associa a práticas mágicas. No nível rural-urbano esta atitude **pré-científica** — que dista muito de haver desaparecido completamente — vê-se progressivamente substituída pelo que denominamos atitude ou conhecimento **paracientíficos**. A atitude **paracientífica** se relaciona com a difusão do conhecimento acêrca da natureza da ciência, e que se deve à produção em série de manufatos de uso cotidiano, à técnica de base científica nas fábricas, à propaganda, à obrigatória educação primária (e, em alguns países, inclusive a secundária), à educação sanitária etc.» V. Guizzetti, G. F. — LA ANTROPOLOGIA CULTURAL COMO CIENCIA UNIFICADA FRENTE A LA TEORIA DE LOS NIVELES CULTURALES — Univ. Nac. del Litoral — Santa Fé, 1963, pp. 34 a 64. V. também Bidney, D. — THEORETICAL ANTROPOLOGY — Columbia University Press — New York, 1960, pp. 157, 158 e seguintes.

5 — CARTA DO FOLCLORE BRASILEIRO — Doc. 235 — Comissão Nacional de Folclore — IBECC — Rio de Janeiro, 4 de outubro de 1951.

6 — Redfield, R. — THE LITTLE COMMUNITY AND PEASANT SOCIETY AND CULTURE — The University of Chicago Press — Chicago, 1960. V. «A Organização Social da Tradição» — pp. 40-59 de PEASANT SOCIETY AND CULTURE. Nesses passos da conhecida obra, o antropólogo norte-americano analisa as diferenças entre a estrutura sociocultural das comunidades primitivas e a das camponêsas ou **folk**. A respeito pondera: «A cultura de uma comunidade camponêsa não é autônoma; é um aspecto ou dimensão da civilização de que é parte. Olhada como um sistema «sincrônico», a cultura camponêsa não pode ser integralmente compreendida apenas pelo que vai nas mentes dos aldeões». Foster, citado por Redfield, escreveu sôbre o mesmo tema: «A cultura local é continuamente completada pelo contacto com produtos dos estratos intelectuais e científicos». Observa ainda êsse autor que uma das mais óbvias distinções entre sociedades verdadeiramente primitivas e sociedades **folk** consiste em que a última, durante centenas de anos, tem mantido contacto sucessivo com os centros do pensamento e desenvolvimento intelectual. Redfield, R. — OP. CIT. — loc. cit.

7 — Carvalho Neto, Paulo de — CONCEPTO DE FOLKLORE — Montevidéu, 1956 — pp. 137 e 146. V. ainda Cortazar, Augusto Raul — EL CARNAVAL EN EL FOLKLORE CALCHAQUI — Sudamericana — Buenos Aires, 1949 — p. 239.

8 — Almeida, Renato — A CARACTERIZAÇÃO DO FATO FOLCLÓRICO — Doc. 458 — IBECC — Rio, 3.12.60.

9 — Bascom, W. R. e Herskovits, M. J. — CONTINUITY AND CHANGE IN AFRICAN CULTURES (1958) — Ap. Lienhardt, G. — SOCIAL ANTHROPOLOGY — Oxford University Press — Londres, 1964 — pp. 191-192.

10 — Benedict, R. — PATTERNS OF CULTURE — Há tradução espanhola — EL HOMBRE Y LA CULTURA — Sudamericana — Buenos Aires, 1948 — pp. 71 a 79.

11 — O psicólogo alemão Heinz Werner, por exemplo, não vacila em declarar: «Sua estrutura psíquica (do homem adulto civilizado) caracteriza-se, não pela existência de um nível uniforme, mas pela imbricação de vários estratos genéticos e, por isso, inclusive, o indivíduo isolado nos mostra quando é considerado genèticamente, diversos valôres em suas manifestações que correspondem a fases determinadas da evolução ocorrida». «A Psicologia experimental orientada genèticamente pode descobrir, mediante observações e experiências apropriadas certas camadas «mais primitivas» do homem normal e pô-las em relação, com todo o cuidado, com os fatos observados nas constituições primitivas». E ainda mais ajustável ao que afirmamos: «De todos os modos deve ter-se em consideração que tais fases

originárias do processo evolutivo não desaparecem, mas persistem como fundo vital de nossa existência psíquica e espiritual». Werner, H. — COMPÊNDIO DE PSICOLOGIA EVOLUTIVA (1.ª versão espanhola da 2.ª edição alemã) — Barcelona, 1936, pp. 32, 33 e 35. A propósito da ocorrência de formas de pensamento **pré-científico** nas camadas cultas e intelectualizadas, anota A. Ruffat: «As superstições, isto é, as manias, as credulidades, sejam herdadas e familiares, sejam adquiridas por contágio coletivo, são inumeráveis». «Esta tendência é por demais inerente à natureza humana para que não afetasse, conquanto que em graus menores, tanto o intelectual evoluído como o aldeão crédulo. Nós a detectamos incessantemente, por pouco que nos apercebamos disso, no comportamento dos nossos contemporâneos mais ilustres, e é-nos difícil, até mesmo penoso, subtraí-la de nós em certas ocasiões». Ruffat, Andrée — LA SUPERSTITION A TRAVERS LES AGES — Payot — Paris, 1951 — pp. 9-11. Marcel Mauss, com a sua penetrante compreensão do fenômeno social da magia, em estudo célebre, observara: «Por afastados que pensemos estar da magia, achamo-nos ainda mal desprendidos dela. Por exemplo, as idéias de sorte e azar, de quinta-essência, que ainda nos são familiares, estão bem próximas da idéia da própria magia». «Assim, pensamos encontrar na origem da magia a forma primeira das representações coletivas que são tornadas depois os fundamentos do entendimento individual». Mauss, M. — SOCIOLOGIE ET ANTHROPOLOGIE — PUF — Paris, 1950 — pp. 135 e 137.

12 — Bidney, D. — OP. CIT. — V. o capítulo **Metaanthropology and Anthropological Science**, especialmente às pp. 158, 165 e 166.

13 — Seraine, F. — SUGESTÕES PARA ESTUDOS FOLCLÓRICOS — Doc. n.º 110 — Congresso Internacional de Folklore — Buenos Aires, 5 a 10 de dezembro de 1960.

14 — Lévi-Strauss, C. — OP. CIT. — Introduction cit. — pp. XVI e XVII.

15 — Franz Boas, em uma de suas obras, faz estas observações, que nos parecem de interêsse ao tema: «Um traço da vida primitiva que cedo atraiu a atenção dos investigadores é a ocorrência de associações cerradas entre atividades mentais que nos parecem inteiramente dissemelhantes. Na vida primitiva, religião e ciência; música, poesia e dança; mito e história; moda (uso) e ética — aparecem inextricàvelmente entrelaçados. Podemos expressar esta observação geral também ao dizer que o homem primitivo olha cada ação não sòmente como estando adaptada ao seu principal objeto, cada pensamento relacionado ao seu fim principal, como nós os perceberíamos, mas, que êle os associa com outras idéias, muitas vêzes, de natureza religiosa ou, ao menos, simbólica». V. Boas, F. — THE MIND OF PRIMITIVE MAN — The Macmillan Company — New York, 1948 — pp. 225 e seguintes.

Outra observação de nosso interêsse atual efetuada ainda por Boas, concerne à diversidade das interpretações que certos indígenas revelaram a êsse antropólogo acêrca de alguns padrões de motivos artísticos vigorantes em suas comunidades. Diversidade esta, que se regista não apenas de uma tribo para outra, vizinha ou mais distante, que os recebeu por difusão e os adotou, mas dentro do mesmo grupo, entre indivíduos a êle pertencentes. Boas, F. — RACE, LANGUAGE & CULTURE — The Macmillan Company — New York, 1946. V. especialmente o estudo «THE DECORATIVE ART OF THE NORTH AMERICAN INDIANS — pp. 546 e seguintes. Evidentemente, torna-se bem difícil, em muitos casos, isolar das manifestações culturais no nível etnográfico o sentido principal com que funcionam os complexos ou instituições em determinados contextos, devido a essas associações psíquicas, a que se refere o eminente etnólogo

americano, associações essas de fundo emocional. De sorte que, ao homem de ciência caberá ùnicamente a verdadeira interpretação de caráter científico, que poderá ser considerada válida com relação aos nossos propósitos. É exato que nos níveis **folk** a personalidade do homem em face da cultura difere da do indígena ou primitivo. Abram Kardiner detém-se a analisar essa divergência, ao efetuar os seus elaborados estudos sôbre a «personalidade básica». Firmando-se na compreensão das «variações infinitas e acentuações a que está sujeita a organização singular da personalidade humana, em relação com os conflitos e as mudanças nas diversas sociedades», chega a declarar que «há mais semelhança na organização da personalidade entre um pescador holandês e um corretor da Bôlsa em Wall Street, do que entre a de qualquer dos dois e a de um esquimó». V. Kardiner, A. — FRONTERAS PSICOLÓGICAS DE LA SOCIEDAD — Fondo de Cultura Económica — México, 1955 — pp. 455 e segs.

16 — São dignas de nota as considerações que Claude Lévi-Strauss formula a propósito, na «Introdução à Obra de Marcel Mauss». Logo de início, frisa que esta dificuldade não é própria das ciências sociais; que foram «os físicos que a puseram em evidência, e não os sociólogos, aos quais ela se impõe sòmente da mesma maneira», embora acrescente que a situação particular das ciências sociais seja de outra natureza, que atinge ao caráter intrínseco do seu objeto, de ser por sua vez objeto e sujeito ou — para falar a linguagem de Durkheim e Mauss — «cousa» e «representação». Entretanto aduz: «a história prova que uma ciência satisfatória pode progredir no conhecimento do seu objeto ao abrigo de uma distinção eminentemente instável, entre qualidades próprias ao objeto, que se procura ùnicamente explicar, e outras que são função do sujeito e cuja consideração pode ser deixada de lado». Cita trechos do pensamento de Mauss, que resume nestas expressões: «Para compreender convenientemente um fato social é preciso apreendê-lo **totalmente**, isto é, de fora como uma cousa, mas como uma cousa de que faz, não obstante, parte integrante a apreensão subjetiva (consciente e inconsciente) que dêle obteríamos se, em nossa condição humana, vivêssemos o fato como indígena em lugar de observá-lo como etnógrafo». Mauss e Lévi-Strauss — está visto — se ocupam do indígena, do primitivo, que, em relação ao homem folk, o camponês, o aldeão, oferece, a respeito, dificuldades bem maiores quanto ao problema dessa **identificação** entre as apreensões externa e interna dos fenômenos e sua transposição em têrmos da apreensão externa. Mas, conclui suas inferências e deduções a propósito com estas asserções definidoras: «O risco trágico que espreita sempre o etnógrafo lançado nesta emprêsa de identificação é ser vítima de um **malentendu**: isto é, que a apreensão subjetiva à qual é chegado não apresenta com a do indígena nenhum ponto comum, fora da sua própria subjetividade. Esta dificuldade tornar-se-ia insolúvel na hipótese de serem as subjetividades incomparáveis e incomunicáveis; se a oposição entre eu e outrem não pudesse ser sobrepujada em um terreno que é também aquêle onde o objetivo e o subjetivo se encontram, queremos dizer, o inconsciente». E declara mesmo: «o inconsciente seria assim o têrmo mediador entre eu e outrem». E mais: «o problema etnológico é, pois, em última análise, um problema de comunicação». Lévi-Strauss, C. — INTRODUCTION CIT. — pp. XXVI-XXXII. V. ainda Mauss, M. — OP. CIT. — p. 10, 17 — V. entre outros, Cassirer, E. — OP. CIT. — pp. 115-116 e também o capítulo **Cosas y Expresiones**. A propósito invoquemos ainda as idéias procedentes da fenomenologia de Husserl, quando, ao procurar descrever os processos das ciências humanas, dirige-se para a significação do comportamento estudado, individual ou coletivo. «Esta **posição do sentido** é geralmente

omitida na descrição dos métodos, sobretudo se se trata dos métodos objetivistas; ela consiste em admitir imediatamente que êste comportamento quer dizer alguma cousa ou exprime uma **intencionalidade**. O que distingue, por exemplo, o objeto natural e o objeto cultural (um calhau e um estilógrafo) é que neste está cristalizada uma intenção utilitária, enquanto que aquêle nada exprime. Bem entendido, o caso do objeto cultural é relativamente privilegiado, porque é precisamente uma configuração material destinada explicitamente a satisfazer uma necessidade; é o resultado do trabalho, isto é, da imposição de uma forma premeditada a uma matéria». Lyotard, Jean-F. — LA PHÉNOMENOLOGIE — Presses Universitaires de France — Paris, 1954, p. 77. Segundo as idéias fenomenológicas, rigorosa descrição da relação sujeito-objeto pode ser alcançada pela análise intencional, que a redução nos entrega. «A análise intencional apodera-se do objeto constituído como sentido e revela esta constituição». Idem — Ib. — p. 32.

17 — Ayer, A. J. — THE PROBLEM OF KNOWLEDGE — Penguin Books. Londres, 1956. Há tradução espanhola — EL PROBLEMA DEL CONOCIMIENTO — Eudeba — Buenos Aires, 1962. — pp. 246, 247, 249, 251 e seguintes. Ayer, apesar de ser considerada a sua obra dentro de orientações características do positivismo lógico, discute a tese «fisicalista», corrente, em certa época, no Círculo de Viena, de que as experiências são, enquanto tais, incomunicáveis, e de que apenas a estrutura é o que pode ser comunicado. Assim, conclui que «não há fundamento para separar estrutura e conteúdo, para argüir que a primeira pode ser comunicada, porém, não o segundo».

18 — Cahen, G. — LES CONQUÊTES DE LA PENSÉE SCIENTIFIQUE — Dunod. — Paris, 1953 — p. 8.

19 — Cassirer, E. — OP. CIT. — V. o capítulo **Conceptos «naturales» y conceptos «culturales»**, especialmente às pp. 88, 112 e 116.

20 — V. Geymonat, L. — EL PENSAMIENTO CIENTÍFICO — Eudeba — Buenos Aires, 1963 — p. 48 e seguintes. V. no mesmo passo, a cerrada crítica, que faz o autor, de alguns postulados positivistas.

21 — Rickert, H. — CIENCIA CULTURAL Y CIENCIA NATURAL — Espasa — Calpe Argentina — Buenos Aires, 1943 — pp. 72 e 77. V. a crítica que faz Cassirer à idéia de Rickert de que «a história e, em geral, a ciência da cultura, giram em tôrno de um sistema de conceitos de valor — «valôres superindividuais de caráter universal», a que deve referir-se o particular. V. Cassirer, E. — OP. CIT. — pp. 48-49.

22, 23, 24 — Cohen, M. J. — OP. CIT. — pp. 96-97.

25 — Romero, F. e Puccíarelli, E. — LÓGICA — 7.ª ed. — Espasa — Calpe Argentina — Buenos Aires, 1944 — pp. 150-151.

26 — Cassirer, E. — OP. CIT. — p. 88. Como bem afirmou o pensador alemão: «Todo conceito propõe-se a ser, se nos fixamos em sua função lógica, «uma unidade do múltiplo», «um vínculo de relação entre o individual e o universal» e se isolarmos um dêstes dois momentos destruiremos com isto a «síntese que todo conceito, pelo mero fato de o ser, se propõe conseguir». OP. CIT. — p. 108.

27 — Bidney, D. — OP. CIT. — pp. 27, 65, 84, 119, 137, 140 etc. V. também Guizzetti, G. F. — LA ANTROPOLOGIA CULTURAL COMO CIENCIA UNIFICADA, cit. — pp. 12-13.

28 — Bidney, D. — Id. — pp. 129-130.

29 — Com a importância que hoje se volta a atribuir à noção de «inconsciente coletivo», isto é, às «representações coletivas inconscientes, cujo ser e devenir são traduzidos pela estrutura e a evolução dos idiomas», em que «as distintas cosmovisões (tanto sociais como individuais) têm a sua mais

profunda raiz, o seu fundamento mais recôndito», com os modernos estudos etnolingüísticos acêrca dos aspectos inconscientes da cultura veio a compreender-se o respeito que devemos guardar por idéias ou doutrinas apressadamente condenadas, às vêzes antes que sôbre elas incidissem investigações mais diretas, profundas e ajustadas cientificamente. V. Guizzetti, G. F. — LOS FENOMENOS PSICOCULTURALES DE INDOLE INCONCIENTE — «Investigaciones en Sociologia» — Ano I, n.º 2 — Mendoza, julho-dezembro de 1962 — pp. 93, 97 e 99.

30 — Cabral, Oswaldo R. — CULTURA E FOLCLORE — Ed. da Comissão Catarinense de Folclore — Florianópolis, 1954 — pp. 23 e seguintes.

31 — Saintyves, Pe. — MANUEL DE FOLKLORE — E. E. Nourry — Paris, 1936 — p. 61.

32 — Id. Ib. — passim.

33 — Malinowski, B. — UNA TEORIA CIENTIFICA DE LA CULTURA Y OTROS ENSAYOS — Sudamericana, Buenos Aires, 1958 — p. 83. V. também pp. 176 e seguintes, em que o antropólogo inglês procura explicitar os seus conceitos de **forma** e **função** e o de sua relação.

34 — A propósito do conceito de ciência relativo ao nível etnográfico, merecem ainda consideradas expressões de conhecido etnólogo: «Florecem já abundantemente a religião e a arte nos níveis mais baixos da cultura, enquanto que as ciências são a característica de civilizações superiores. As ciências têm sua origem na razão, como a religião e a arte procedem dos sentimentos e da fantasia. Resulta, porém, significativo que as atividades psíquicas nos povos primitivos estejam bem mais ligadas entre si que em nossa civilização, o que explica a impossibilidade daqueles para levantar problemas racionais e intentar solucionar os enigmas da existência ùnicamente por deduções lógicas. Naturalmente, não se quer dizer com isto que não seja possível encontrar-se entre êles importantes conhecimentos positivos. O saber e as ciências são duas cousas muito distintas. Nas tradições tribais estão guardadas as recordações do passado e o conhecido do país, seu clima, sua flora e fauna, não raro, em proporções surpreendentemente vastas. Nas culturas inferiores o conhecimento de um povo depende principalmente de suas necessidades. Desejam respostas aos problemas práticos da existência». V. Birket — Smith, K. — VIDA E HISTÓRIA DE LAS CULTURAS — Editorial Nova — Buenos Aires, 1952 — vol. II, pp. 121, 122, 185 e 196. Mas — como já se tem observado — não se pode estender ao campo folclórico, a não ser parcialmente, o que se acha escrito a propósito das sociedades preletradas ou ágrafas. As atitudes mentais características dos níveis culturais **folk**, tão bem analisadas por Guizzetti e outros, em verdade se manifestam com aspectos próprios que não concernem apenas à mentalidade **pré-científica**, em sua expressão integral.

35 — Cabral, O. R. — Op. cit. — pp. 235-244.

36 — Herskovits, M. J. — MAN AND HIS WORKS — Alfred A. Knopf — New York, 1948. V. o capítulo sôbre «Classificação e métodos no Estudo da Cultura». (Há tradução portuguêsa do original inglês).

37 — Romero, F. e Puccíarelli, E. — Op. cit. — pp. 14 e 36 e seguintes.

38 — Granger, G. G. — LA RAZÓN — Editorial Universitaria — Buenos Aires, 1952. V. o capítulo «La Razón en las ciências», especialmente pp. 39, 40 e 42.

39 — Césari, P. — Op. cit. — pp. 161-162.

40 — Cohen, M. J. — Op. cit. — pp. 97.